



Foto: Arquivo A União

Maria Rita Stumpf lança disco étnico

Decantado por quase 30 anos, o novo trabalho da cantora gaúcha vem na esteira da descoberta de suas músicas pelos DJs nas pistas europeias

'Inkiri Om' reúne músicas autônticas e letras como 'Promessas do Sol', de Milton Nascimento e Fernando Brant

Kubitschek Pinheiro
Especial para A União

Maria Rita Stumpf encontrou na internet um CD seu à venda por 17 euros em um site alemão. O único detalhe é que o produto era pirata. Ficou surpresa e tentou comprar, mas quando viram que o nome da compradora era o mesmo da artista, o produto ilegal foi tirado do ar. Há nove anos, a gaúcha radicada em São Paulo já vinha percebendo um movimento, vindo do exterior, em torno de sua música. Foram, até então, dois álbuns *Brasileira* (1988) e *Mapa das Nuvens* (1993).

Vinte e sete anos depois nasceu *Inkiri Om*, que traduz em música o encontro da expressão-chave do disco: "Inkiri" ("o amor em mim saúda o amor em ti") é um cumprimento que há séculos era usado por uma tribo que viveu na região de Piracanga, na Península de Maraú, na Bahia; "Om" é o mantra mais importante do hinduísmo, o "som do universo". Maria Rita estudou budismo na Índia, onde esteve nove vezes. Sua vivência inclui ainda lugares como Nepal e Peru, onde morou por três anos.

"*Inkiri Om* é o resultado de inúmeras vivências, contatos com pessoas e lugares desde 1993, quando parei de cantar e de gravar. Como álbum, foi sendo construído aos poucos como intenção e promessa a mim mesma quando parei, até se concretizar a partir do final de 2018", revela em entrevista ao *Jornal A União*.

O novo álbum começou a nascer depois que *Brasileira*, o primeiro disco, foi descoberto por DJs e colecionadores mundo afora, ganhando remixes e tomando as pistas de dança da Europa e Ásia, puxado pela faixa 'Cântico brasileiro nº 3

Sobre o novo disco: "Inkiri" é uma expressão indígena que significa "o amor em mim saúda o amor em ti"; já "om" é um mantra hindu

(Kamauará), em 2015. *Inkiri Om* já está disponível em todas as plataformas.

O CD abre citando todas as tribos indígenas na canção 'Cântico Brasileiro nº 7', e parece uma oração, uma homenagem aos índios que estão cada dia mais massacrados e roubados pelo homem e a política cruel. "*Inkiri Om* começou a ser criado por mim e Matheus Câmara (também conhecido como Entropia-Entalpia), que conheci em 2018, a partir de som inspirado nos tubos do Uaktí. Criamos em computador uma célula rítmica que mandamos para Ricardo Bordini, um mestre da música, com quem toquei desde a juventude, e ele complicou bastante nossa célula" disse ela, rindo.

A ideia é de uma continuidade de 'Cântico Brasileiro nº 3', sua composição mais conhecida, que acabou recebendo do público o subtítulo de 'Kamaiurá'. "Essa música surgiu de uma situação vivenciada pela etnia Kaingangue, do Rio Grande do Sul, no final dos anos 1970, num inverno rigoroso, quando foram tirados de suas terras e jogados à beira da estrada na cidade de Nonoai. Os kamaiurá são o contraponto no norte, enfrentando a mesma situação".

A faixa 'Canção das Horas' traz um recado para o mundo e preenche espaços ocultos dentro de nós, que estamos numa pandemia e o ser humano se encontra

com suas revelações e a natureza. 'Canção das Horas', de sua autoria, foi composta nos anos 1990. A letra fala da constante destruição e da falta de respeito por parte do homem com o planeta.

"Cantei no show de lançamento do CD *Mapa das Nuvens*, na qual ela não estava incluída. Quando voltei aos palcos, em 2017, foi incluída novamente. E ainda fiz mudanças pequenas na letra dentro do estúdio quando gravei em fevereiro de 2019 para *Inkiri Om*. Danilo Andrade, que é um músico excepcional, criou improvisos de piano, no estúdio também, que deram uma luz de revelação à música, uma releitura dele do arranjo original criado por mim e por Farley Derze. Henrique Santian, pesquisador musical, documentarista e fotógrafo criou um clipe, com participação da bailarina Oz Ferreira, ambos da Chapada dos Guimarães, que aprofunda os sentidos e propõe uma paisagem material para o que a 'Canção das Horas' indica, insinua ou grito aos quatro ventos".

A capa do disco é de Juliano de Oliveira Moraes a partir de pintura de Julio Saraiva e obra de Miguel Gontijo. "A capa começou a surgir nesse hiato fora do palco e dos estúdios, exatamente como o disco. A pintura do meu rosto feita pelo ator, diretor de teatro, arquiteto e pai do meu filho Mateus, Julio Saraiva, que faleceu no ano passado, foi feita sobre uma foto minha de divulgação de um show de 1984, o último que fiz em Porto Alegre antes de me mudar para o Rio de Janeiro".

Maria Rita Stumpf soube que foi descoberta por DJs ao redor do globo através de um e-mail de John Gomez, que criou a coletânea *Outro Tempo* para o selo holandês Music From Me-

mory. "Ouvimos alguns remixes muito ruins também. Alguns conseguimos tirar do ar. O remix que está nas plataformas foi, na verdade, uma regravação feita por mim e por Paulo Santos, fundador do Uaktí, feita em São Paulo para os DJs da Festa Selvagem, Millos Kaiser e Augusto Trepanado, que criaram o selo Selva para lançar o LP *Brasileira* remasterizado, distribuído pela alemã Kompakt, que também distribuiu o remix".

No disco há 'Promessas do Sol'. "Essa é uma das mais poderosas músicas de Milton Nascimento e Fernando Brant. É uma música de resistência. Criamos um arranjo denso e dramático. Contamos com o baixo potente de Kassin Kamal e os charangos de Lui Coimbra, além do acordeão desenhador de melodias de Ricardo Bordini. A parte eletrônica ficou por conta do Matheus Câmara. Creio que conseguimos uma massa sonora de grande dramaticidade e já temos fila de DJs querendo fazer remix. Não só dessa".

Música censurada

A faixa 'Sete Cenas de Imyra', de Taiguara, fala que a gema está dentro de gente, e traz as velas, caravelas e um cachorro vadio. A música tem uma batida bem forte. "Para mim, essa canção é a obra-prima de Taiguara, que originalmente tem um arranjo grandioso, com músicos estelares, criado por Hermeto Paschoal. O disco de Taiguara foi recolhido pela ditadura após 72 horas de lançado. Sempre ameiei esta música e a cantei em shows".

Mesmo antes de gravar este disco, Maria Rita nunca ficou longe do mundo das artes, mas atuava nos bastidores com a sua produtora Antares, responsável por trazer para o Brasil grandes

Imagem: Divulgação



Disco é resultado de inúmeras vivências, contatos com pessoas e lugares desde 1993

Foto: Perseu Azul/Divulgação



Bailarina Oz Ferreira gravou a Chapada dos Guimarães para o clipe 'Canção das Horas'

nomes da música e dança, como Mikhail Baryshnikov, Pilobolus, American Ballet Theatre, Frankfurt Ballet, Marcel Marceau, Jean Pierre Rampal, Isaac Stern, Orquestra de Câmara Franz Liszt, Philip Glass, entre outros. E também levou diversos artistas brasileiros a países da América do Sul, a exemplo de Milton Nascimento, Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Na semana passada, duas músicas de *Inkiri Om* já entraram em uma seleção de um programa de rádio da BBC, comandado por Giller Peterson, que acompanha o trabalho da Maria Rita Stumpf há anos. A faixa 'Somos todos Índios' é uma canção de Vi-

nicius Cantuária e Evandro Mesquita. Nela, crianças do coral da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) cantam com ela. Aliás, o single 'Somos todos índios' ganhou espaço em sites especializados como o *Sound and Colours*, de Londres, na Inglaterra.



Através do QR Code acima, acesse o clipe de 'Canção das Horas' no YouTube

Foto: Demian Golovaty/Divulgação